“TEM OUTRAS PESSOAS AQUI?”

“Não. Eu sou a última viva”, disse ela, sorrindo.

“O mesmo comigo. Por isso deixei minha casa”— olhei nos olhos dela —“e vim até aqui.”

“Certo.”

E assim foi que nos encontramos aqui.

No entanto...

O que eu não tinha percebido, enquanto andava em círculos, era a cratera gigantesca logo ao lado da cidade. Parecia como se uma pá colossal tivesse afundado e depois retirado um pedaço inteiro de terra. O fluxo do rio local havia criado uma cachoeira ali... e, quando a garota me mostrou isso pela primeira vez, minhas pernas quase cederam.

“Se a gente cair, vira carne moída, né?”

Ao olhar para baixo, não vi sinal de um lago — apenas escuridão profunda. Viajamos até ali em relativo silêncio, então o rugido da água era praticamente ensurdecedor.

Enquanto eu tampava os ouvidos, no entanto, a garota apenas ficou parada, contemplando a paisagem. “Você se acostuma.”

“Sério?” Tomar aquela vista como algo comum seria uma pena terrível. Espiei pela beirada outra vez. “Talvez fosse divertido pular.”

“Não, você morreria!” respondeu ela, com uma risada exasperada.

Alguns dias haviam se passado desde que montamos acampamento nessa cidade da cachoeira. Agora eu me encontrava agachada na penumbra de um corredor que suspeitava ter sido construído pela garota sozinha, ao longo de muito tempo. Usando uma série de apoios, consegui descer até mais ou menos a metade da cratera. Ela devia ter criado esse caminho por tédio ou curiosidade, porque, se tudo o que quisesse fosse apenas água, seria bem mais fácil pegá-la direto do rio.

Talvez esse buraco gigante escondesse algum grande segredo sobre o nosso planeta. Mas, naquele momento, eu não ligava muito. E depois de três ou quatro aventuras perigosas descendo por cordas superimprovisadas e atravessando pedras estreitíssimas na parede do penhasco, tive que admitir...

“É, já me acostumei com isso.”

Atrás da água corrente, uma parede de pedra avançava um pouco, criando uma espécie de teto. Eu estava agora agachada nesse nicho, o rugido da cachoeira enchendo automaticamente meus ouvidos. Cada vez que respingava em mim, sentia como se estivesse mergulhada em um banho de gelo até o queixo.

Ultimamente, sempre que tinha um tempo livre (não que isso acontecesse muito, já que era difícil viver nesse planeta), eu vinha aqui e me desligava. Para ser sincera, eu queria escapar de tudo aquilo — uma pausa da sobrevivência.

“Eu não devia ficar à toa…”

Mas essa autocrítica não pesava nem de longe tanto quanto o meu cansaço. Uma vez relaxada, era impossível me levantar de novo, como se a cachoeira me mantivesse presa.

“Oh. Aí está você.”

Por algum motivo, nem a cachoeira conseguia abafar a voz daquela criaturinha. Ela veio direto até mim e se agachou ao meu lado. Seu brilho parecia ainda mais fugaz ali na escuridão.

“Não é seguro aqui, sabia?!” gritei, para que ela me ouvisse sobre o barulho da água.

“Não é?” respondeu Yashiro no volume normal de voz.

“Se as pedras desabarem, você vai ser esmagada!” Apontei para cima.

Ela ergueu a cabeça para olhar. “Hmmm…”

Yashiro saltou no ar — sem fazer som algum, quase como se estivesse flutuando — e tocou o teto, depois pousou e se sentou de volta como se não fosse nada. “Parece que estaremos bem por enquanto.”

“N-nós estaremos…?!”

Ela me mostrou a palma molhada, com as pontas dos dedos servindo de pequenas lâmpadas azuis que iluminavam sua pele pálida. Quando toquei nelas, estavam tão frias quanto a própria cachoeira.

“O que você está fazendo aqui?” ela perguntou.

“Nada demais! Só me desligando!”

“Entendo.”

Como parecia me ouvir perfeitamente, decidi parar de gritar. “E você?”

“Terminei minha missão, então acho que vou seguir em frente”, respondeu ela de forma despreocupada. “É um adeus.”

“Ah…”

Foi tão repentino.

“Bom, tudo bem,” murmurei automaticamente, antes mesmo de ter tempo de decidir se realmente estava tudo bem. “Isso me lembra — qual era a sua missão, afinal?”

“Guiar você, Chito-san.”

Eu? Apontei para mim mesma, confusa.

Yashiro assentiu. “Eu queria cumprir a minha parte do acordo, mas claro, sabia que inevitavelmente você acabaria encontrando ela,” explicou em voz baixa. Isso era algo que ela já tinha mencionado antes, se bem me lembrava. “Pois, veja bem, você nasceu para conhecê-la.”

Meu olhar se ergueu, na direção vaga de onde ela deveria estar agora. “Sério?”

“Seríssimo.”

Essa declaração tinha um peso muito maior do que a própria conexão parecia ter. Eu mal sabia como conversar com aquela garota, e era por isso que vinha me esconder aqui embaixo. Afinal, eu conseguia contar nos dedos de uma mão os humanos que já tinha encontrado — e nem tinha certeza se esse gremlin contava.

Quando dei um tapa na cabeça dela, ela balançou como se fosse um brinquedo. “Mmgh?!”

“Se ela é tão importante assim, então… o que eu deveria dizer pra ela?” Eu também não sabia medir a distância adequada para manter entre nós, nem no sentido figurado nem no literal.

“Você pode dizer o que quiser, é claro. Talvez “olá”.”

“Me arrependo de ter perguntado. Foi erro meu.” Eu tinha esquecido que essa pirralha era inútil.

“Agora que vocês se encontraram, pode fazer disso o que quiser.”

“É mesmo tão simples assim?”

“Você sabe o que é essencial para um cíííirculo?”

Na última palavra, o dedo dela se moveu pelo ar no sentido horário, sua unha deixando um rastro de pontos azuis que formaram um círculo visível antes de sumirem. Mais um mistério perdido na cachoeira.

“O que é essencial? Ahm…” A mudança repentina de assunto tinha, ouso dizer, me deixado confusa.

Nunca fui boa com enigmas e, antes que pensasse em uma resposta, ela mesma a deu. “Uma linha ininterrupta.”

“Ah. Você quis dizer literalmente.”

“Se faltar até mesmo uma parte, ele perde a forma.” Ela desenhou outro círculo; depois, com os dedos, arrancou um pedaço do canto inferior esquerdo. “O que sobra está danificado demais para ainda ser considerado um círculo.”

“Tá…?”

Por alguma magia inexplicável, as duas pontas do círculo quebrado se forçaram a se unir, criando uma forma distorcida e defeituosa, depois desapareceram. A lógica da Yashiro, admito, fazia sentido até aquele ponto.

“E aí? Qual é a sua conclusão?”

“Essa foi a minha conclusão.”

“Não entendi.”

“Oh, céus.” Ela fez uma pausa, observando o fluxo da cachoeira. “Pense no círculo como o seu mundo.”

“Tá?”

“Agora pense naquela parte faltando como sendo a Shima-san e você mesma. É só isso.”

Shima-san? Ah, certo. Ela. Eu praticamente não tinha experiência em chamar pessoas pelo nome, então não estava acostumada. Pensei no círculo e no pedaço que havia sido retirado. Não era uma afirmação meio ousada? “Nós somos mesmo tão importantes assim?”

“Sim.” Ela assentiu. “Para criar a mesma forma, são necessárias as mesmas partes, cada uma tão essencial quanto a outra. E isso inclui você.”

“As mesmas partes”, repeti, refletindo, enquanto pensava na fruta vermelha que sempre comíamos. A aparência e o sabor de cada fruta eram um pouco diferentes, mas todas consistiam mais ou menos dos mesmos componentes. Isso era necessário para evitar intoxicação alimentar. Seria isso que Yashiro estava tentando dizer?

“Portanto, aconteça o que acontecer, tudo dará certo no fim. Eu acredito que esse também é o seu destino.”

“É mesmo?” De vez em quando, esse trambolho inútil falava como se entendesse o universo. O que será que ela tinha visto em sua jornada até aqui, despencando do céu? De frente, enxuguei a névoa do rosto. “Eu simplesmente não entendo.” *Nadica de nada.*

“Talvez você entenda quando for mais velha, Chito-san.”

“Não me venha com esse tom condescendente, pirralha.”

Segurando as bochechas dela com as mãos, amassei seu rosto, espremendo-o como argila. Ainda assim, de alguma forma, isso não abafou em nada sua risada — de onde será que a voz estava saindo? Quando soltei, percebi que meus dedos estavam todos azuis. Observei, triste, enquanto se soltava, desaparecendo diante dos meus olhos.

“Aí está. Agora, desejo a você uma vida feliz e divertida com a Shima-san.”

Na minha visão, ela não tinha explicado absolutamente nada, mas tudo bem. “Feliz, é…?”

Num mundo atolado em ruínas, como alguém poderia ser feliz? Eu já conhecia Shima fazia alguns dias, e até agora, nada tinha mudado.

“Bom… pelo menos vou tentar me divertir com ela, pra começar,” murmurei em voz alta, esfregando o joelho enquanto a cachoeira abafava minhas palavras. “Preciso de um novo objetivo, afinal.”

Ultimamente, eu me sentia meio perdida. Encontrar uma pessoa viva tinha sido meu único objetivo; agora que o tinha alcançado, não sentia vontade alguma de procurar outra. E como não tinha mapeado minhas viagens, provavelmente não tinha como encontrar o caminho de volta para casa também. Em outras palavras, estava presa ali. Mas agora havia mais alguém comigo.

Esse pensamento encheu meu peito de uma inquietação ansiosa.

“Então, pra onde você vai agora?” perguntei.

“Hmmm,” respondeu Yashiro de modo indiferente, fingindo pensar com aquela cabecinha oca. “Tenho sim um destino em mente, mas acho que primeiro vou a uma fonte termal.”

“Uma o quê?”

“Descobri que gosto muito mais delas do que de banhos, apesar da semelhança.”

Seria isso algum elemento cultural perdido no nosso mundo? Pela comparação que ela tinha feito, só podia presumir que envolvia… água? Talvez uma banheira? “Então uma ‘fonte termal’ é uma coisa boa, imagino?”

“Sim.” Ela assentiu. “Estive em uma fonte termal uma vez antes.”

***

“Shimamura, você gosta de lugares quentinhos?”

Bom, essa foi uma pergunta bem indireta. Por um instante, me perguntei por que ela estava perguntando aquilo. Seria algum tipo de avaliação psicológica?

Parecia improvável, então decidi responder honestamente. “Acho que sim. Tipo uma cama quentinha.” Se eu tivesse que escolher um único lugar para passar o dia inteiro… Bem, isso dependeria da estação, mas minha cama era uma forte opção. Como alguém que sentia frio com facilidade, passei boa parte da vida me inclinando em direção ao calor.

Adachi estava ajoelhada no chão, a almofada que eu tinha oferecido largada ao lado dela. Ela apareceu de surpresa e, como sempre, estava agindo de forma estranha, os dedos tamborilando nos joelhos inquietamente, como se tocasse um piano invisível. O quarto de hóspedes no segundo andar não tinha janela, mas dava para perceber pela temperatura que aquela sexta-feira à noite estava lentamente mergulhando na escuridão.

“Camas são… importantes. Mas…”

“É?” respondi. *“Importantes”, hein? Não sei por que você está corando.*

“E quanto a algum lugar mais… aberto?” murmurou ela, tornando o enigma ainda mais profundo.

Quente e aberto? Isso estava ficando complicado. Pelo bem do meu pobre cérebro, eu queria que ela tivesse ficado em algo como: Bem que ela podia ter se limitado a algo como: “Que mesa a gente pode coimer? A sobremesa!” Aliás, a resposta da minha mãe para essa era: “Na minha escola, nem pensar. Principalmente os doces — nunca estavam bem feitos.”

Com esse divertido desvio mental concluído, era hora de encarar a realidade: eu ainda não tinha a menor ideia do que a Adachi estava falando.

“E quanto a… relaxante?”

“Detesto pedir, mas se puder, por favor, ir direto ao ponto…” Eu me sentia como se estivesse fazendo uma prova para qual não tinha estudado. *Tenha piedade, Adachi-chan!*

Corando intensamente, ela finalmente levantou o rosto. “Você quer ir pra uma fonte termal?!” perguntou, com tanta força que achei que o vermelho das bochechas dela fosse voar para fora.

Enfim, a resposta para o enigma. Dando o braço a torcer, realmente soava quente, aberto e relaxante. “Uma fonte termal?” repeti.

Ela assentiu — ainda que, pelo tom avermelhado dos ombros, daria para imaginar que já estava mergulhada numa fonte termal.

“Só nós duas?”

Ela assentiu de novo — três vezes — e suas orelhas ficaram rubras de vergonha. Fiquei surpresa ao descobrir que ela ainda não tinha atingido o limite máximo do medidor de vermelhidão. “E… e eu vou pagar tudo!” acrescentou apressada.

Agora eu já estava preocupada com a imagem da viagem. “Você acha que eu quero ir uma viagem de férias de graça com o dinheiro da minha namorada?” Será que ela estava tentando me fazer parecer uma interesseira?

“N-não, claro que não!”

“Certeza absoluta?”

“Eu vou pagar porque eu quero,” insistiu, prendendo o cabelo atrás da orelha esquerda de forma compulsiva.

Aí eu entendi: ela queria gastar esse dinheiro por ela mesma. Já que era um direito dela, não via motivo para tentar impedir, e se isso significava que eu tinha que ser uma interesseira, então só precisava fazer esse sacrifício… certo? Precisava mesmo?

“Hmm…”

Seria uma viagem a uma fonte termal só nós duas, e Adachi estava vermelha como um tomate. Juntando esses dois fatores, só podia significar uma coisa.

“Hmmmm…”

Na verdade, não demorou muito para eu entender. Eu só precisava ganhar tempo. E, nesse caso, isso era realmente necessário.

“Espera. É disso que se trata?” Talvez fosse cruel da minha parte perguntar assim, na lata, mas não consegui me segurar.

Adachi levantou o rosto e congelou, como se tivesse levado uma rajada de vento bem na cara. Depois que sua cor pingue-pongou de um lado para o outro, acabou voltando ao tom pálido habitual da sua ansiedade. Piscamos uma para a outra de forma constrangedora por alguns instantes.

“Oh, Adachi-chan, você é tão boba!” exclamei, dando tapinhas no ombro dela como uma tia bem-humorada. Isso imediatamente trouxe o vermelho de volta ao rosto dela, para meu alívio. Aparentemente, eu tirava algum conforto do seu jeito atrapalhado e corado.

“N-não é o que você penhsaahh…!” Algo prendeu na garganta dela, e começou a tossir, o que foi muito fofo.

Quanto à proposta dela…

Nós já tínhamos feito planos de viajar para o exterior algum dia, mas agora esse marco distante tinha sido substituído por um logo diante dos meus olhos, o que me obrigava a repensar. Eu obviamente não me importaria de viajar com ela, mas quando considerei no que ela provavelmente estava pensando, ficou um pouco mais difícil responder “sim”. Afinal, não era só a Adachi que podia ficar nervosa.

“Hmmm…”

Dito isso… nesse ponto, será que importava tanto assim? Eu tinha quase certeza de que amava a Adachi, e sabia, sem sombra de dúvida, que ela me amava.

No fim das contas, foi o frio gelado do quarto que fez a balança pender em favor do calor.

“Claro, por que não? Vamos.”

Talvez eu fosse facilmente influenciável. Ainda assim, Adachi não parecia especialmente feliz com minha resposta; ela apenas continuava assentindo repetidamente. De repente, levantou-se rapidamente. “Bem, preciso me prreparah!”

“Prreparah?” repeti. *Oooh. É até divertido de dizer.*

“Me… preparar,” corrigiu-se timidamente. Virando, ela saiu do quarto devagar, como se quisesse mostrar que, na verdade, estava perfeitamente calma.

Você pode ir mais rápido que isso, sabia?

Quando desapareceu além da porta, ouvi-a correr pelo corredor em alta velocidade, quebrando a pose calma que tinha tentado manter. Então ouvi um baque que soou muito como o corpo dela batendo na parede do fundo, tipo *pinball*. Só podia rezar para que ela tomasse cuidado com as escadas, pelo menos nisso.

“Espera… ‘Se preparar’ pra quê?”

Por motivos óbvios, essa pergunta me fez corar. Mas, é claro, Adachi provavelmente quis dizer apenas que precisava ir arrumar as coisas… certo?

“É… eu também devo me *prreparah*.”

Se ficássemos apenas uma noite num resort de fontes termais, eu não precisaria de muito. Mas, de novo, se fôssemos fazer… outras coisas…

“Uh… como é que eu devo me preparar?”

Fazer uma pesquisa, talvez?

Pesquisar… o quê?

Como?

“Minha cabeça dói.”

Tudo isso era tão complicado — e tentar dissecar o que exatamente era “isso” só tornava tudo pior. Por enquanto, eu teria que fingir que não estava ansiosa por aquilo. Mas se havia uma coisa da qual eu tinha cem por cento de certeza…

“Ela definitivamente quer me ver pelada de novo…”

Dito em voz alta, o pensamento ficou ainda mais constrangedor, se infiltrando em mim até que caí de costas no chão, longe do conforto da mesa *kotatsu*. Mas o frio não importava agora. Sorri levemente para mim mesma, os olhos saltitando, pensando na Adachi. Naquele momento, entendi o significado da expressão “calorzinho gostoso”.

“Ainda bem que ela não é um mistério, hein?”

Isso me agradava perfeitamente.

Aliás, acabávamos de ter nosso primeiro beijo também. Quando me lembrava do gosto do sangue dela na minha língua, senti um arrepio percorrer minha espinha.

***

Lá estávamos nós, em um resort de águas termais não muito longe de casa.

Adachi conseguiu se trocar para o *yukata* sem problemas, mas quando foi ligar a TV, escorregou no controle remoto e quase bateu a cabeça na janela. Ao tentar pegar o controle do chão, bateu a canela na quina da mesa. Tentando escapar da dor, ela inexplicavelmente tomou sua xícara de chá fervendo, e apesar da expressão — que denunciava seu sofrimento — ela ainda assim se levantou… apenas para desmaiar por causa da tontura que isso causou.

“Meus ouvidos tão zumbindo,” ela gemeu do chão da nossa sala dividida.

“Você lutou bravamente.” Como uma super-heroína, ela se levantou várias vezes.

“Não consigo te entender.”

“Então você pode ter um zumbido sério no ouvido.”

“Não é isso que quero dizer…”

Ela colocou a mão sobre um lado do rosto como se estivesse tentando conter uma dor de cabeça — mas quando peguei seu olho descoberto me espiando, me perguntei se ela estava me olhando de forma pervertida, e naquele momento não consegui encarar seu olhar. Obviamente, eu sabia que Adachi não era esse tipo de garota, exceto… Bem, ela me convidou para uma fonte termal. E era assim que ela estava se comportando.

“Eu, uh… acho que vou dar um mergulho,” decidi em voz alta. Ver suas trapalhadas já me fez suar.

“Eu… vou com você…” Ela se apressou em se levantar para me acompanhar.

Eu a parei, porém. “Você, mocinha, precisa de alguns minutos para se acalmar.” Eu não queria que ela desmaiasse na fonte termal em seguida.

Felizmente, ela parecia ter pelo menos alguma consciência do seu estado ruim, porque não insistiu. “Ok.” Ela assentiu, fechando os olhos.

Coloquei a mão na testa dela. “Além disso, eu também preciso me refrescar.” Nem liguei para o fato de que eu não estava realmente com calor, e que “refrescar-se” não era exatamente o objetivo de uma fonte termal.

No corredor, soltei um suspiro e comecei a caminhar em direção aos banhos. Passando pelo saguão, onde o carpete dava lugar ao piso de madeira, minhas chinelas batiam audivelmente a cada passo.

“Hmmm… não sei…”

Que tipo de clima deveríamos tentar criar aqui? Parecia tão trabalhoso. Será que as coisas não aconteceriam automaticamente quando tirássemos nossas roupas? Não… Se tentássemos isso aqui, pareceríamos crianças na piscina. U*gh. Isso é tão complicado.*

Enquanto refletia sobre a situação, andando em direção às águas termais no piloto automático, notei que um som muito familiar agora pontuava o barulho das minhas chinelas. Instintivamente, me virei.

“Hmm?!”

No momento em que nossos olhares se encontraram, ela congelou no lugar, com um pé levantado, como se estivéssemos brincando de “Está Quente, Está Frio”.

“Olá!”

Claro, só uma criatura neste planeta me cumprimentaria como se tudo estivesse bem. Hoje ela usava um macacão que parecia… algum tipo de pássaro, provavelmente. A crista grande me fez pensar em um galo, embora as pontas das asas tivessem um tom azulado.

“Quando você chegou aqui?!”

“Eu estava entediada, então telet—” Seus lábios pararam por um momento. “Vim andando até aqui.”

“Você ia dizer “teletransportei”?”

“Ho ho ho!”

Isso não é uma resposta. Com a Yashiro ali, eu me senti de volta àquela viagem escolar. “Por um segundo, pensei que você talvez tivesse se escondido na minha mochila.”

“Não estive na residência dos Shimamura hoje.”

“Ah, é? Minha irmã vai sentir sua falta, sabia?”

“Então visitarei depois, se você insistir.”

“Hum…” Não era bem isso que eu queria dizer, mas tudo bem.

Como Yashiro sempre conseguia aparecer do nada? Talvez, para uma criatura tão distante da órbita da Terra, viajar qualquer distância fosse pouco mais que um salto.

“Então, onde estamos?” Ela olhou para cima e para baixo pelo corredor.

“Se você realmente caminhou até aqui, não saberia?”

“Na verdade, eu simplesmente… cai aqui de paraquedas.”

“Esta é uma fonte termal.”

“Uma fonte termal, você diz. Entendo,” ela respondeu.

Ficou claro que ela não entendia. Considerando o quanto ela adorava ficar largada em frente à televisão, ela devia ter ouvido falar de fontes termais em algum momento, certo? Conforme caminhávamos, percebi, porém, que ela provavelmente não havia se dado ao trabalho de pagar a entrada. Eu provavelmente teria problemas por levá-la comigo.

“Ugh. Tudo bem…”

Quando finalmente chegamos à cortina do vestiário, voltei todo o caminho até a recepção para pagar uma segunda taxa — embora na tarifa infantil, já que eu sabia que ninguém acreditaria se eu dissesse que Yashiro tinha seiscentos anos.

“Ah, esse lugar cobra entrada?”

“Você pode não ser diferente de um animal selvagem, mas achei melhor pagar sua entrada, só para garantir.”

Entreguei o dinheiro, peguei a chave, agarrei a garota e voltei para o meu destino original. O atendente da recepção parecia profundamente confuso com a aparição de Yashiro, mas eu apenas sorri e me fiz de desentendida.

“Parece que te devo algo,” disse Yashiro.

“Você deve muitas coisas a muitas pessoas.”

Eu invejava a capacidade dela de passar os dias sem se preocupar com dinheiro, já que eu começava a sentir seu peso com mais intensidade agora que era adulta. Por mais que o tempo passasse, porém, ela nunca precisava mudar; não importava o quanto minha irmã crescesse, as duas ainda gritavam e brigavam como sempre. Talvez essa fosse, de certa forma, a amizade perfeita.

“Estou ansiosa por esta fonte termal.”

“Você ao menos sabe o que é?”

“Qual é o sabor?”

Resposta: “não.”

Enquanto caminhávamos, o corredor de vidro oferecia bastante sol e uma vista panorâmica. Finalmente, passamos por uma cortina de batente para uma sala com iluminação quente, paredes de madeira e chão úmido. Yashiro observou o ambiente.

“Será que este é…?”

“Vamos, tire as roupas.”

Depois que ela tirou sua pele… quero dizer, o pijama… e assim revelou que não estava usando nada por baixo, Yashiro correu completamente nua pela sala. Juntei todas as roupas descartadas e então corri atrás dela. Pelo que eu podia ver e ouvir, ninguém mais estava usando as instalações naquele momento — o que era ideal, por razões óbvias.

No momento em que abri a porta, uma rajada de vapor subiu sobre o meu rosto. Baldes de banho estavam empilhados à direita da entrada; além disso, eu via alguns chuveiros e o brilho característico do azulejo molhado. Sem surpresa, o vasto banheiro do outro lado do ambiente estava sem ocupantes. Tudo o que eu ouvia era o som da água quente correndo.

Yashiro havia corrido na frente, mas eu a encontrei a poucos passos da porta, parada como uma estátua. “Isso é só um banheiro.”

“Eca, fico imaginando o sabor.”

Ela se aproximou da água, agachou-se e mergulhou a mão. “É a temperatura da água do banho.”

“Essa é a melhor parte.”

Suas tranças borboleta balançavam de um lado para o outro enquanto ela brincava com a água, formando ondas. Isso foi seguido por um “Cannonba—!”

“Nãooo! Você precisa se lavar primeiro.”

Antes que Yashiro pudesse pular, eu a puxei do ar e a arrastei até um chuveiro. Quando olhei para o espelho à nossa frente, fiquei surpresa ao ver seu reflexo, que — mesmo que soe estranho — nem sempre aparecia com a Yashiro.

“Sabe ajustar a temperatura?”

“Sou a todo-poderosa,” ela declarou, girando a válvula do chuveiro e mandando um jato de água quente direto no rosto. Em resposta, ela não fez careta nem moveu para reduzir o calor. “Wharrgarbl!”

“Lave o cabelo.”

Por insistência minha, ela rodopiou as tranças de forma desordenada, o que me levou a fazer uma pergunta que há muito tempo permanecia sem resposta: “Você consegue desatar essas?”

“O quê?”

Apontei para as asas de borboleta.

“Ah. Um momento.” Puxando os nós, ela soltou um grito de dor sobrenatural. “Gyaaaaah!”

“O que você tá fazendo…?”

Apesar do grito, as tranças realmente se desfizeram, liberando uma cascata de cabelo pelas costas. Ela parecia tão diferente com ele solto — como uma donzela frágil.

“O que houve, Shimamura-san?” ela perguntou com naturalidade, sem se importar com a torrente azul de cabelo e água que cobria seu rosto naquele momento. Ao olhar mais de perto, percebi que o cabelo dela na verdade não estava molhando; a água simplesmente escorria por ele.

“Mmm, nada.” Não tinha certeza se ela iria usar, mas mesmo assim entreguei a ela um dos baldes de banho de plástico empilhados na sala.

“A Pequena sempre me faz tomar banho também.”

“É, porque você não toma, a não ser que seja forçada.”

“Prefiro piscinas.”

“Então por que não pensar na banheira como uma piscina aquecida?”

“Oh, isso até soa bem.” Ela sorriu, os olhos vagando até a fonte termal.

Ela vai tentar nadar nela, não vai? Talvez eu não devesse ter dito isso.

Eu estava prendendo o cabelo na toalha após o banho quando Yashiro saiu correndo em direção ao banho.

“Ei, nada de correr! O chão tá molhado!” Mas, quando as palavras saíram da minha boca, ela já estava na água. “Meu Deus,” murmurei enquanto caminhava até lá.

A borda da banheira formava uma série de degraus descendentes. Coloquei o pé frio no primeiro degrau e senti a água tão quente que meus dedos doeram. Enquanto isso, Yashiro já estava submersa até o couro cabeludo — couro cabeludo? O cabelo dela flutuava na superfície enquanto nadava de um lado para o outro.

“Bem, isso é surreal.” Era quase como observar uma água-viva azul brilhante. “Espera — pare com isso!”

Quando a puxei para fora da água, ela não protestou, apenas piscou para mim, gotejando filetes de azul. “Quando me sentei, o nível da água subiu acima da minha cabeça.”

“Eu entendo isso, mas em uma fonte termal, você não deve deixar o cabelo… bem, se isso é mesmo cabelo…” Neste ponto, eu já não tinha certeza. Afinal, a água simplesmente grudava na superfície dos fios; só isso já era estranho. E eu não sabia como explicar as regras da sociedade para uma criatura que mal compreendia. No entanto, eu sabia que deveria segurá-la pela nuca assim que tentasse nadar para longe. “O que quero dizer é: não coloque o cabelo na água. É contra as regras.”

“É mesmo?”

“É.”

“Muito bem, então.” Ela afofou o cabelo até que apontasse para o céu. Que diabos? “Está aceitável assim?”

“Uh… sim, claro, tanto faz. Ah, e nada de nadar na banheira.”

“Por quê?”

“É falta de educação com os outros hóspedes.”

“Mas estamos sozinhas.”

Olhei ao redor; ela estava certa. “Então, apenas finja que não estamos.”

Com isso, fiz ela se sentar ao meu lado. Mesmo nos degraus, a água ainda chegava aos lábios dela. Ela começou a chutar os pés imediatamente. *Não vai se acalmar?*

“Isso não é entediante, Shimamura-san?”

“Pra mim, não.” Foi até agradável afogar meus pensamentos em água quente por um tempo. De frente para o pátio, afundei até que a água chegasse aos ombros e deixei meus pensamentos escorrerem confortavelmente, como suor pelo pescoço.

“Sobre o que você costuma pensar?”

“Eu? Bem…” Pegando um punhado de água da fonte termal, considerei a pergunta por um momento. “Quando eu me desligo, geralmente estou a quilômetros de distância, pensando sobre o resto do planeta — como todas as

baleias nadando no oceano, ou florestas inexploradas cheias de animais que eu nunca ouvi falar. É uma sensação estranha, sabe?”

O ato era semelhante a contemplar o horizonte. Havia um mundo inteiro lá fora que eu nunca descobriria por conta própria, e ainda assim eu estava conectado a ele. Esse pensamento me enchia de uma sensação estranha — que combinava perfeitamente com o calor de um bom banho.

“Hoo hoo,” Yashiro riu, soando não muito diferente de uma coruja. “Receio que eu não entenda muito bem!”

“Não me surpreende.” Considerando que eu tinha apenas uma compreensão vaga dela, eu realmente não esperava que ela me entendesse também. “Eu só gosto de contemplar essas coisas, só isso.” Isso me permitia afastar a mente das minúcias do meu dia a dia e me voltar para dentro, focando até na ponta dos dedos. Não era o tipo de experiência que eu supunha que outras pessoas entenderiam.

“Nesse caso, permita-me contemplá-las também.” Ela ficou de frente, boca aberta, e suspeitei que não estivesse usando uma única célula cerebral.

“Você provavelmente se divertiria mais pensando no jantar.”

“Isso até soa bem.”

Ela ficou em silêncio por um momento, sugerindo que realmente havia voltado seus pensamentos para a próxima refeição. Agora eu tinha que me perguntar o que meus pais iriam cozinhar hoje à noite.

“A Adachi-san não vem?”

Virei a cabeça rapidamente para olhá-la. Como ela saberia que a Adachi estava aqui, a menos que…? “Você…?”

“Sim? Eu o quê?”

“…Você é incrível.”

“Yay,” ela comemorou preguiçosamente. As mãos se ergueram no ar, fazendo ondas de água baterem em mim.

Descansando uma mão no meu ombro, foquei na realidade diante de mim. “Ela tá… esperando por mim.”

“Então é melhor você voltar para ela logo.”

“É…”

Certamente não era a intenção dela, mas Yashiro tinha um jeito de sempre me dar exatamente o incentivo que eu precisava nos momentos mais estranhos. *Garota estranha*, pensei com um riso. Ela era desinformada ou onisciente? Qual dos dois?

“Hm?” Quando olhei para a Yashiro, notei que seu cabelo estava novamente trançado, então estendi a mão e fiz as asas de borboleta baterem.

Depois do nosso longo banho, a Yashiro fumegante estava sentada segurando o sorvete que eu havia comprado para ela no quiosque do saguão. “Sabe, acho que gosto dessa coisa de fonte termal.”

“Você só gosta do sorvete, não é?”

“Ho ho ho!”

Juntas, devoramos nossas guloseimas. Eu podia sentir o frio do sorvete chegar até minhas clavículas. Enquanto isso, olhava distraidamente ao redor do saguão, notando as várias atividades disponíveis. *Espera. Sério? Eu não sabia que tinham isso aqui.*

“Bem, eu deveria ir…” Eu sabia que a Adachi estava me esperando — mas deveria simplesmente deixar a Yashiro aqui?

“Nesse caso, retornarei para casa, pois é hora do lanche.”

“Você acabou de fazer um lanche.”

“Quanto mais, melhor, como dizem!” Com isso, a pequena goblin gulosa saiu correndo. No fim do corredor, ela parou e olhou para mim por cima do ombro. “Nada de espiar, hein.”

“Tá pensando que a gente é quem, Orfeu e Eurídice…?”

“Adeus!”

Acenando, ela desapareceu na esquina. Seguiu por um corredor que continha apenas quartos privados — mas eu sabia que, se tentasse segui-la, ela já teria sumido, então simplesmente aceitei que ela não seguia as mesmas regras.

Na verdade, teria sido um pouco constrangedor se ela tivesse tentado me acompanhar de volta ao quarto. Ela estava sendo atenciosa de propósito…?

“Não, bem improvável.”

De qualquer forma, esse pensamento não me agradava. Ela era um espírito livre, e eu não queria que fosse limitada por… eu não sabia. Regras sociais? *Ah, tanto faz.* Desisti de tentar usar meu cérebro derretido e, em vez disso, caminhei com os pés quentes de volta para o quarto onde Adachi estava esperando. Do lado de fora da porta, comecei a fazer movimentos circulares com os ombros.

“Aí vamos nós,” sussurrei por impulso para me animar, e então entrei apressadamente. “Eu… voltei!”

Lá dentro, encontrei uma Adachi muito animada, com os braços erguidos no ar. “EU! NÃO! VOU—oh.”

“Uh… tô interrompendo?” Talvez eu devesse ter feito mais alguns movimentos circulares com os ombros. Por outro lado, não queria arriscar deslocar nada.

Adachi estava ajoelhada no chão, ao lado de um *futon* e cobertor arrumados, esperando por mim. *Ela realmente gosta de se ajoelhar, não é?* Quando a imaginei arrumando a cama em um turbilhão de confusão, quase dei risada.

Tímida, ela baixou os braços de volta ao lado do corpo.

“A água aqui é ótima,” informei enquanto me sentava.

Ela assentiu levemente — tão rígida que eu praticamente ouvi um rangido. Ela estava crocante como uma batata chips, enquanto eu estava encharcada pela fonte termal. Essas duas coisas nem pareciam combinar remotamente.

“Obrigada novamente, aliás.” *Por me trazer aqui*. Apesar de dizer isso, eu havia pago uma parte da viagem, já que obviamente não podia, em boa consciência, deixá-la arcar com todo o custo. “Sua tontura passou?”

Ela assentiu de novo, desta vez com tanta força que temi que pudesse causar uma recaída.

“Legal. Você devia experimentar a fonte depois.”

“Uh… ok.”

Ouvir sua voz foi um alívio. Quando ela mudou de posição, no entanto, cada movimento parecia tenso e pesado, como se o corpo inteiro estivesse coberto de cola. A única exceção eram os olhos dela, que brilhavam com uma paixão intensa.

“Vamos… juntas,” ela sugeriu.

“Você quer que eu volte? Não que eu me importe…” Eu tinha a sensação de que Yashiro não iria aparecer desta vez. “Espera, ainda não jantamos.”

Lancei um olhar confuso para a cama, e o rosto da Adachi explodiu suavemente; estava tão vermelho que metade de mim se perguntou se aquela vermelhidão se espalharia para o cabelo em seguida.

“Shimamura!”

A força de sua voz me atingiu. “Sim?”

“Eu não—!”

“Fale mais baixo.” *Não queremos reclamações de barulho.*

“Eu não! Quero! Fazer aquelas coisas! Tá bom?!” Sua fala saía aos pedaços, e embora ela estivesse murchando rapidamente — como uma planta sem água — aquele olhar voltado para mim permanecia firme.

Foi uma confissão e tanto feita em voz alta, e eu realmente não sabia como responder. “Você não quer?”

“Quer dizer, eu quero — não, eu não quero! Bem… meio que quero…?”

Ela me olhou como se pedisse ajuda, mas como eu saberia a resposta? Ela também deve ter percebido que o olhar suplicante foi um erro, pois se inclinou para a frente, pressionando as palmas das mãos contra as coxas. As engrenagens metafóricas finalmente pareciam girar em sua mente.

“O que eu realmente quero não é… exatamente essas coisas, mas…”

“Certo.” Enquanto ela lutava para encontrar as palavras, decidi ouvi-la pelo tempo que fosse necessário.

“É só que… eu te amo…”

“Aw, obrigada.” Ela provavelmente dizia isso duas vezes por dia nesse ponto, se não mais.

“E quando eu te toco, sinto uma sensação quente como se minha pele estivesse queimando, que me faz querer você perto de mim… Quero te sentir, te abraçar, te apertar, enterrar meu rosto em você… E essa sensação só fica mais forte e mais forte até chegar ao ponto de eu querer tocar seus quadris, a parte de dentro dos seus cotovelos e...” Antes que as últimas gotas de seu coração se derramassem, porém, ela voltou à realidade. “Meu Deus, o que tô dizendo?”

Ela abaixou a cabeça, dominada pela autodepreciação. Eu podia perceber que ela achava que estava me confundindo ao se mostrar emocionalmente caótica — mas nisso, ela estava apenas meio certa, já que eu a entendia perfeitamente. Estranho, não? Sentimentos como o amor normalmente são invisíveis aos olhos humanos, e ainda assim ela tinha um jeito de colocar o dela bem onde eu podia ver claramente. Eu já havia falado sobre isso com alguém, embora não conseguisse me lembrar com quem.

Isso, mais do que qualquer outra coisa, era provavelmente o motivo pelo qual eu…

“Eu sei que disse isso antes de sairmos, mas…” Estendi a mão e toquei seu pulso; estava tão quente quanto a água da fonte termal. “Eu gosto do calor, Adachi.”

Por esse motivo, eu tinha quase certeza de que sempre iria querer que Adachi me tocasse… e eu também queria retribuir, então o fiz.

“Na verdade, enquanto eu estava fora, encontrei algo para fazermos juntas.”

“Hã?!” Ela se encolheu, boca aberta, dedos trêmulos.

“Vamos.”

Segurando sua mão, puxei-a para ficar de pé e a arrastei comigo — um acontecimento incomum, pensando bem. Caminhamos pelo corredor, passando pelo gravura em xilogravura *ukiyo-e* dos pescadores de cormorantes, espiando rapidamente a área de descanso pós-banho enquanto seguimos as placas até nosso destino. De fato, lá estavam eles: dois jogos de mesa de pingue-pongue azuis, enquadrados por janelas com cortinas amarelo-mostarda.

“Acredita que existem resorts de águas termais com pingue-pongue?”

Aquele canto estava cuidadosamente rotulado como PINGUE-PONGUE DE ÁGUA TERMAL, embora a placa manuscrita estivesse antiga e desbotada. Em cada mesa, um par de raquetes estava lado a lado. Peguei uma azul e acenei para Adachi enquanto ela permanecia ali, olhando para mim, atônita.

“Agora eu entendi,” ela murmurou — mas com todo aquele rodar de cabelo e bater de mão na face, eu não tinha muita certeza do que ela realmente tinha entendido, por assim dizer.

Enquanto isso, observei as cadeiras vazias no canto e a mesa desocupada ao lado da nossa, notando que a área estava relativamente limpa, apesar da notável ausência de outros hóspedes.

“Decepcionada?” perguntei a Adachi.

Pessoalmente, eu achava que isso seria uma forma divertida de relembrar o passado. Quanto ao que Adachi tinha em mente, bem… poderíamos fazer essas coisas mais tarde. Agora, eu queria mais uma conexão emocional.

Ela balançou a cabeça vigorosamente, como um cachorro após o banho. “Não, eu… eu vou te enfrentar!”

“Quem é você, e o que fez com a Adachi…?”

Embora visivelmente atrapalhada, ela correu para o outro lado da mesa.

“É nostálgico, não é?” comentei após um momento.

Os olhos dela se moveram rapidamente. “Hum… não muito.”

Então percebi que ela estava certa. O tempo que passamos no segundo andar da academia não estava tão distante no retrovisor. Talvez os sentimentos que compartilhamos naquela época sempre estivessem conosco no banco do passageiro. Afinal, foi lá que começamos.

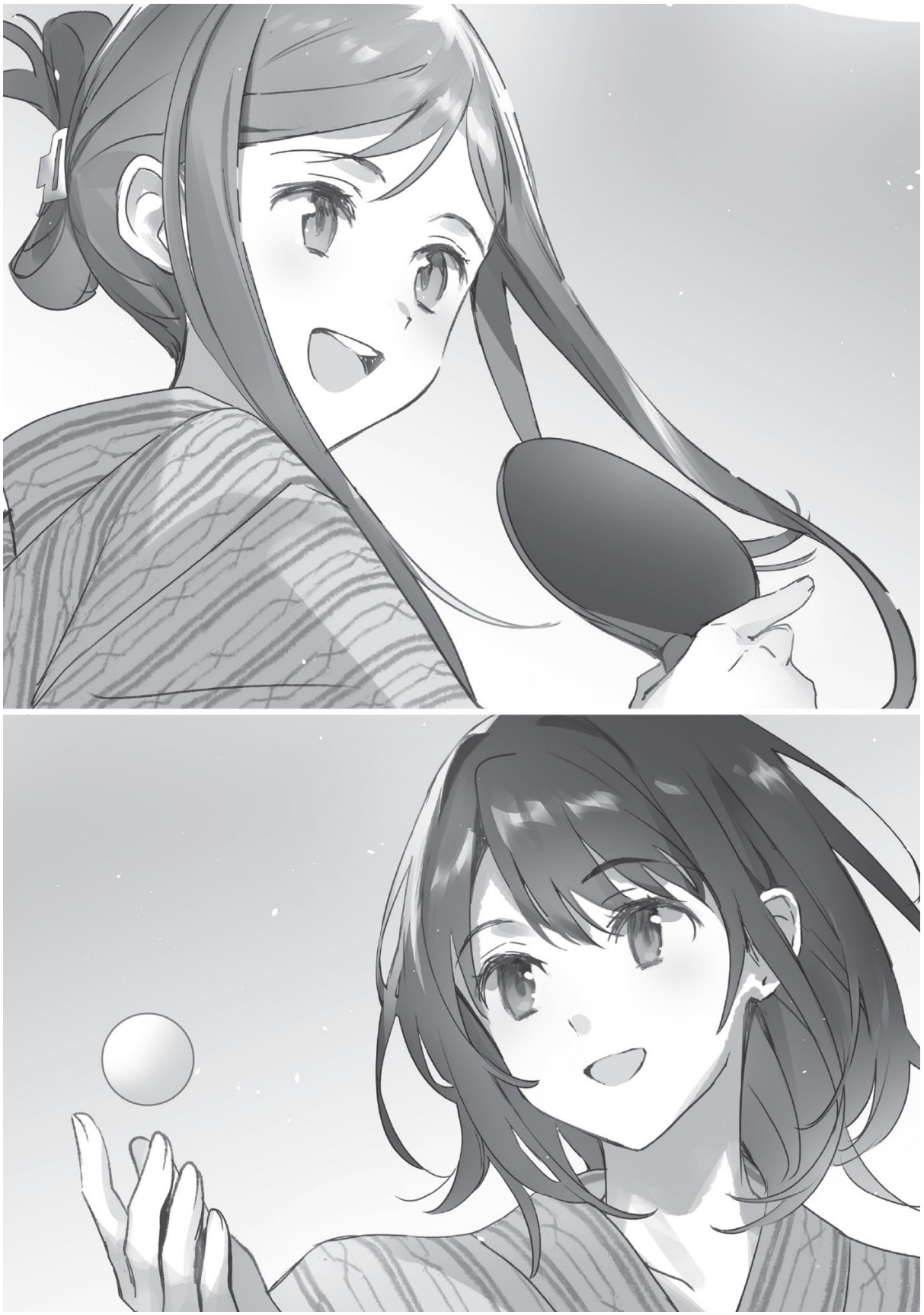
“Eu vou sacar,” decidi, me posicionando.

“Ok.” Ela assentiu.

Vendo-a segurar a raquete com a mão esquerda, quase tive alucinações de que a temperatura da sala estava começando a subir. Mirei no lado direito da bola e balancei a raquete.

Toc!

Conectou-se em um ângulo baixo, meu braço traçando um arco suave pelo ar. A bola quicou, serpenteou e passou por cima da rede, raspando a borda do lado da minha querida oponente antes de rolar até o canto da sala.



Adachi simplesmente ficou ali, congelada em choque de olhos arregalados. “Foi uma bola curva?”

“Só consigo fazer isso umas três de dez vezes,” admiti.

E sempre que eu conseguia, a bola inevitavelmente quicava fora da mesa. Tinha sido um saque diabólico que desafiava as regras do jogo.

“Heh heh heh,” ri enquanto ia buscar a bola. A cada passo pelo carpete, quase podia ouvir o rangido do piso velho de madeira empoeirado. Se estivéssemos usando uniformes em vez de *yukata*, teria parecido que nada havia mudado?

Com a bola na mão, voltei para a mesa.

A sala estava um pouco abafada, mas não havia poeira no ar. Não era o segundo andar da academia — e ainda assim, ali estávamos. Éramos felizes antes, somos agora e seremos para sempre.

Após uma pausa, Adachi sorriu amplamente, como se imitasse um sorriso do passado. “Bela jogada.”

Para aquele sorriso, sussurrei baixinho: *Eu te amo.*

Bem aconchegante, de fato.

***

“Ah. Aí está você.”

Déjà vu. Uma segunda visitante se aproximou de mim com passos cautelosos.

“Eu te vi de longe e notei algo brilhante,” explicou ela.

“Ah, isso?”

Apontei para o cabelo da Yashiro, trançado na forma de asas de borboleta, e então mexi em uma delas, espalhando ainda mais brilhos — ou, melhor dizendo, partículas de luz? Um pouco tarde para perguntar agora, mas afinal, o que eram mesmo? A pequena alienígena soltou um grito meio desanimado em resposta ao meu movimento.

Os sapatos já gastos de Shima rangiam contra o chão molhado. Um momento depois, ela se agachou do lado oposto de Yashiro, examinando-a com interesse e pegando em seu cabelo e bochechas. Pensando bem, se Shima tivesse crescido em um ambiente como o meu, qualquer visitante em forma humana provavelmente seria uma maravilha para ela.

“Ho ho ho! Qual é o problema?” perguntou a maravilha em questão, ignorando alegremente as cutucadas e provocação.

“Existem mais como você em algum lugar?” Shima indagou.

“Estamos em toda parte.”

“Não, vocês não estão. Confie em mim,” interrompi, com um gesto de desprezo. No entanto, vasculhando minhas memórias, nenhuma outra pessoa neste planeta tinha o cabelo como o dela. E também não havia nenhuma que tivesse despencado do céu.

“Uau. Eu queria poder conhecê-las,” murmurou Shima, pensativa. Evidentemente, ela havia escolhido acreditar na palavra da Yashiro. “Em outro mundo, talvez eu pudesse ir procurá-las.”

“Acredite ou não, isso pode ser possível no futuro.”

“O quê? De jeito nenhum!”

“Agora que sua malformação foi corrigida, seu mundo pode se estabilizar.”

Shima franziu a testa, confusa com isso, e eu talvez tivesse feito o mesmo se não me lembrasse das formas que Yashiro havia desenhado para mim antes. Se nós éramos a peça que faltava… isso significava que nosso mundo agora era um círculo perfeito? Por causa de Shima e de mim? Isso devia ser um exagero. Nosso primeiro encontro de forma alguma tinha sido algo que mudasse o mundo, pelo que eu me lembrava… Por outro lado, não tinha nenhum motivo para acreditar em uma palavra dita por essa criatura desde o começo.

Enquanto isso, Shima brincava com o rosto da Yashiro, se divertindo com aquelas bochechas elásticas. Seu novo “brinquedinho” também parecia muito satisfeito. Olhando para elas agora, ninguém jamais imaginaria que haviam se conhecido há pouco.

Depois de um tempo, Yashiro se levantou, ainda com as bochechas esticadas como argila.

“Arrume seu rosto.”

“Ops.” Ao ouvir minhas palavras, ela massageou as bochechas de volta ao lugar e então olhou para mim. “De qualquer forma, foi divertido.”

Ela estava… se despedindo.

“Ok.”

Não faz muito tempo eu estava me perguntando se algo neste mundo poderia ser divertido, mas agora, refletindo sobre nossa jornada sem grandes acontecimentos… Foi divertido, não foi?

“O sentimento é recíproco,” respondi, apertando sua mão. A mão dela era tão pequena que a minha praticamente a envolvia por completo.

“Então, este é o adeus.” E sem hesitar, ela disparou como um foguete.

“Ei, nada de correr! Não é seguro!” Shima gritou atrás dela.

Do outro lado da cachoeira, achei que ouvi uma vozinha gritar de volta: “Eu vou ficar bem!” A garota era uma esquisitinha por completo, e isso me fez rir.

Com o tempo, o estrondo da queda d’água ficou mais alto, e senti meu foco se deslocar da conversa para o ambiente ao redor. A água soava tão próxima que quase pingava nas minhas orelhas.

Agora éramos apenas Shima e eu. Sem Yashiro por perto, éramos possivelmente as únicas duas pessoas restantes neste planeta.

“Você vai sentir falta dela, não vai?” Shima perguntou.

Ao ouvir isso, limpei a névoa do nariz e das bochechas. “Bem, quer dizer… ficamos juntas por bastante tempo.”

Agora que Yashiro havia ido embora, senti como se parte de mim tivesse sido silenciosamente apagada. Não doía, mas eu conseguia perceber o espaço vazio. Sabendo que talvez nunca a visse novamente, não pude deixar de inclinar a cabeça para trás. Se fosse necessário, teria apostado que o que eu sentia não era exatamente solidão; ainda assim, não sabia como descrever de outra forma. E quando exalei, parecia que meu corpo poderia se dissolver junto com a água—

“Ah. Ela voltou.”

“O quê?”

De fato, quando estreitei os olhos à distância, vi uma pequena faixa azul correndo pela borda da cachoeira, em nossa direção. Perplexa, esperei que ela chegasse, e quando finalmente chegou…

“Como é hora do almoço, decidi que deveríamos compartilhar uma última refeição antes que eu vá embora.”

“Que jeito de estragar tudo, *gênia*.” Observá-la era como ver uma estrela cadente mudar de ideia e voltar.

Ela nos entregou um fruto vermelho que havia colhido sabe-se lá de onde. “Um para você, e para você.”

“Muito obrigada,” disse Shima.

Yashiro observou Shima comer com grande satisfação, depois afundou seus pequenos dentes em seu próprio fruto. “Tem gosto de destino!”

Agora era a vez de Shima observar, de olhos arregalados, enquanto a garota devorava seu fruto, caroço e tudo.

Quando terminou, Yashiro ergueu uma mão para o alto. “Então, este é mais um adeus.”

“Ah, ok,” respondeu Shima com um pequeno aceno.

Yashiro ofereceu um último sorriso em resposta, e então disparou.

“Essa garota realmente não perde tempo, né?”

Esperei alguns segundos, por precaução, mas ela não voltou. Não podia ter certeza de que ela realmente tinha ido embora, então esperei mais alguns minutos…

“Acho que não vai voltar.” *Que espírito livre.*

Quando olhei para Shima, vi que ela olhava atentamente para o caroço não comido de seu fruto… e então colocou na boca.

Nhac!

Ela mastigou algumas vezes, depois fez uma careta. “Como diabos ela conseguiu comer essa parte?”

“Não recomendo seguir os exemplos dela.”

“Ela fez parecer tão gostoso que achei que devia ser comestível. Que pena.” Decepcionada, Shima jogou fora o caroço totalmente mastigado. Começava a suspeitar que ela fosse um pouco distraída. “Acha que ela vai voltar?”

“Não, provavelmente não.”

“Que pena,” respondeu ela, rindo. Levantou uma mão do joelho e esticou os dedos em direção às gotas perdidas espalhadas pela parede de pedra. “Gosto de vir aqui de vez em quando.”

“Então todos aqueles apoios…”

“Eu que os fiz. Mas depois fiquei ocupada com outras coisas e não consegui terminar o que comecei.” Ela coçou o pescoço distraidamente. “Bem frio aqui, não é?”

“Talvez um pouco frio demais.”

Mas, em vez de ser apenas a temperatura literal, o frio podia ter também um elemento visual. O espaço estava imerso em sombras que o pôr do sol interminável não conseguia penetrar. Parecia aos meus olhos que havíamos cruzado para um mundo inteiramente separado — um mundo de pura escuridão envolta em pedra impassível. E, para uma garota que havia passado a vida inteira vendo a mesma coisa todos os dias, aquilo parecia tão novo. Talvez houvesse mais a descobrir nos cantos e recantos, desde que alguém estivesse disposto a se esforçar para encontrá-los.

Por um tempo, fiquei em silêncio, de frente para a cachoeira, seu rugido interminável lembrando o de um animal selvagem…

…Ok, menti. Yashiro havia feito essa garota parecer tão importante que eu não pude evitar roubar olhares para seu rosto de perfil. Ao contrário de mim, porém, Shima estava realmente absorta, com os olhos fixos no spray à nossa frente. Ela até parecia um pouco sonolenta. Embora eu ficasse parcialmente contente por evitar contato visual, sua ausência entristecia outra parte de mim.

Agora que pude observar bem a Shima, ela era… Meus olhos e cérebro entraram em alta velocidade, tentando criar algo poético, mas nada vinha à mente. Eu só conseguia pensar em adjetivos simples, no máximo. E embora não tivesse certeza se o termo era suficiente, no fim das contas…

No fundo, eu achei que ela era bonita.

Esse era o tipo de elogio que qualquer um poderia dar — comum e facilmente compreendido. Mas talvez fosse da natureza humana não ir além do básico em um momento como este. Afinal, dificilmente haveria descrição mais precisa.

Imaginei Shima flutuando na bacia sem fundo bem abaixo de nós, braços estendidos, sorrindo satisfeita, o cabelo longo balançando como se fosse um só com a água. E mesmo sendo apenas imaginação, meu coração se apertou de algum jeito. Se eu reagisse assim a um simples pensamento, quão pior seria se visse aquilo de verdade? Meu pulso acelerou, como se estivesse em perseguição a algo.

Então minhas esperanças subiram até minha garganta. “Você já esteve lá embaixo, na bacia?”

“Não,” respondeu ela.

“E se fôssemos ver?” sugeri sem perder o ritmo.

Os olhos dela se arregalaram. Um momento depois, um sorriso exasperado se espalhou pelo rosto. “Não seja boba. Nós morreríamos se descêssemos lá.”

“Bem, e se… hum… fôssemos cuidadosas?” perguntei, sem conseguir pensar em uma forma melhor de dizer.

O que ela acharia da minha nova ambição? Pareceria uma perda de tempo? Porque para mim, era a primeira vez na vida que meu coração — meu corpo — realmente compreendia como era sentir-se vivo. E eu queria agir de acordo com esse sentimento.

Olhando para o cratero do alto, parecia impossivelmente escuro e distante, como se descer nele fosse uma viagem ao espaço. Mas se pudéssemos alcançar o espaço com nossos próprios pés, bem, isso parecia um bom negócio.

Ela soltou uma risada como um balão murchando, e percebi que ela poderia estar tão nervosa quanto eu. “Isso talvez não seja tão ruim.”

“Sim, é exatamente o que eu estou pensando.”

Não precisava mais percorrer uma grande e interminável distância, pois aquilo que eu queria ver agora estava bem perto. Eu queria continuar vivendo a vida junto dela… até o dia em que nosso “não tão ruim” se tornasse “bom”. A partir de agora, poderíamos conversar pelo tempo que fosse necessário. Quer avançássemos, recuássemos, descêssemos, seguíssemos de lado ou até mesmo direto para o espaço — nunca pararíamos.

Quando ela me estendeu a mão, tomei-a com cautela… e uma nostalgia estranha, que não me pertencia, fez meus cílios vibrarem levemente.